

CHE - CÂMARA DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E EDUCAÇÃO (COMUNICAÇÃO COORDENADA)

NOME: PAULO ROBERTO DE CARVALHO BARBOSA

TÍTULO: FOTO ZATZ: INCURSÃO A UMA FÁBRICA DE IDENTIDADES

AUTORES: PAULO ROBERTO DE CARVALHO BARBOSA, PAULO ROBERTO DE CARVALHO BARBOSA

PALAVRA CHAVE: FOTOGRAFIA, RETRATO, IDENTIFICAÇÃO

RESUMO

A pesquisa "Foto Zatz, incursão a uma fábrica de identidades" focaliza o percurso do estúdio Zatz, um dos pontos de fotografia mais antigos de Belo Horizonte. Buscou-se, nesta pesquisa, compreender como se deu a trajetória do estúdio, dos anos de sua fundação até os dias atuais. Nessa direção, a investigação levantou o histórico da casa, fundada na década de 1930 pelo filho de imigrantes russos, Vladimiro Zatz, e as suas transformações tecnológicas ao longo dos anos. Sendo o retrato a especialidade do estabelecimento, estudou-se o modo pelo qual este gênero foi adotado pelo estúdio, enfatizando-se as técnicas e convenções utilizadas na casa até a atualidade. Verificou-se que, em seus princípios, o produto principal do estúdio Zatz era o portrait, um tipo de retrato pictórico finamente trabalhado por Vladimiro, vendido para as classes média e alta da época. Na década de 1940, o Zatz e outros estúdios começaram a fotografar no formato 3x4, ampliando a sua clientela para as classes populares. Foi quando a promulgação da CLT determinou que todo brasileiro deveria portar um documento trabalhista com uma foto 3x4 "idônea". Milhares de pessoas passaram então a acorrer aos estúdios para fazer retratos para documentos, conforme as especificações ditadas pela nova legislação, levando assim a uma massificação da produção. As fotos eram tiradas sempre à mesma distância, com luz lateral e em pose frontal, visando não apenas a um ideal estético, mas também ao reconhecimento fisionômico dos indivíduos pelos aparelhos burocráticos. A pesquisa constatou que a confecção, pelos estúdios, de fotografias para o documento trabalhista democratizou o acesso à técnica fotográfica, colaborando para a construção da identidade do trabalhador brasileiro. Se a massificação do retrato deu visibilidade imagética a pessoas que antes não a tinham, proveu também, de outro lado, os organismos do Estado de um vasto arsenal de imagens para usos diversos, inclusive para fins político-repressivos. Gênero fluido e suscetível de várias atribuições, o retrato fotográfico presta-se de fato, ao longo dos anos, à caracterização de criminosos por parte do Estado brasileiro, que pode fazer inclusive uma construção política desses criminosos via fotografia, como se deu na ditadura getulista do Estado Novo. O retrato sempre funcionou, afinal, como uma demonstração simbólica daquilo que somos, do que dizemos ser e daquilo que dizem que somos. Habilita-se, nesse sentido, a apropriações pela burocracia do Estado para fins distintos distantes daqueles para os quais foram originalmente criados. A pesquisa conclui-se verificando a continuidade do uso do retrato de identificação para usos privados e públicos. Segue robusto também o Foto Zatz, mesmo com novas e mais sofisticadas técnicas de identificação em curso. O retrato fotográfico, afinal, é um hábil construtor de narrativas em sais de prata, alimentando toda sorte de altares afetivos pelo Brasil afora. Não deixa de fornecer, também, matéria para adornar as galerias de párias dos Estados modernos, pródigos em descobrir criminosos, reais ou fabricados, através das características faciais.